

O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PESSOAS COM SURDEZ

DOI 10.5281/Zenodo.17486387

Rosane Barros Rocha¹
Sandra Martins de Abreu²

30

Resumo: A pesquisa que segue tem como temática o uso da tecnologia na educação dos surdos, ressaltando a realidade pedagógica de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Iporá-GO. Como pressuposto básico do estudo está o fato de a tecnologia pode se transformar em uma aliada dos professores que, por sua vez, podem se utilizar de técnicas metodológicas que tem o uso da tecnologia como suporte para a aprendizagem. Ao se utilizar de tais ferramentas, há a certeza de que o aprender possa se tornar um ato prazeroso, concreto e, por isso, mais significativo. No estudo os conceitos teóricos estão concomitantes à minha prática pedagógica, pois trabalho como intérprete de libras em uma escola municipal desta cidade, na turma de 3º ano na 1ª fase do ensino fundamental. De forma mais específica, a utilização de tecnologias no decorrer da atuação docente e intérprete, a identificação de seu uso em sala de aula e a descoberta da importância que os professores atribuem à tecnologia enquanto aliada pedagógica. Diante de todas as informações contidas nesse estudo pode-se concluir que é importante mencionar que o uso da informática, podem ser consideradas como sendo elementos visuais que são fundamentais para o aluno surdo minimizar as suas dificuldades em relação à aquisição da Libras – Língua de Sinais e Língua Portuguesa.

¹ Mestranda em Educação na UNIVERSIDAD LEONARDO DA VINCI - ULDV Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (1996) e graduação em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Foi Professora de Surdos de 1º e 2º fase na Escola Estadual de Ensino Especial Maria Lusia de Oliveira nos anos de 1994 a 1999, além de ser coordenadora pedagógica desta mesma Instituição. Atuou como professora de Português para crianças surdas no CMAI (Centro Municipal de Apoio à Inclusão pela SME (Secretaria Municipal de Educação em Goiânia no período de 2007 a 2008. Foi coordenadora pedagógica do CAS (Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez no ano de 2007 a 2008 em Goiânia. Atuou também como Professora de Formação Continuada de LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira) no CEFPE (Centro de Educação e Formação de Professores no ano de 2009 a 2010. Nos anos de 2011 e 2012 lecionou a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura Plena nos Cursos de: Ciências Biológicas, Letras, Matemática, Geografia e História da UEG (Universidade Estadual de Goiás- Iporá/ GO). Atualmente, exerce a função de Professora Intérprete do Ensino Fundamental e Professora de Apoio pela SEE- Secretaria Estadual Educação de Goiás. Possui certificação pelo MEC em Proficiência para Intérprete (PROLIBRAS - Nível Médio). Possui experiência nos assuntos voltados para educação de surdos, com ênfase no ensino da Pedagogia e da LIBRAS. E-mail: rosaneinterprete16@yahoo.com

² Professora doutora. orientadora na UNIVERSIDAD LEONARDO DA VINCI - ULDV

Recebido em 28/11/2015

Aprovado em 04/01/2016

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Palavras-chave: Tecnologia. Aluno surdo. Papel do professor

Abstract: The following research addresses the use of technology in the education of deaf students, emphasizing the pedagogical reality of a municipal school in the city of Iporá, Goiás. The central assumption of this study is that technology can become an ally of teachers, who, in turn, may employ methodological techniques that use technological tools as support for learning. By incorporating such resources, learning can become a pleasurable, concrete, and therefore more meaningful act. The theoretical concepts presented in this study are intrinsically related to my pedagogical practice, as I work as a Brazilian Sign Language (Libras) interpreter in a third-grade class of a municipal elementary school in this city. More specifically, the research examines the use of technologies during teaching and interpreting activities, identifies their application in classroom settings, and explores the importance teachers attribute to technology as a pedagogical ally. Based on the information gathered, it can be concluded that the use of computers and digital media may serve as essential visual elements that help deaf students overcome difficulties in acquiring both Libras — the Brazilian Sign Language — and Portuguese.

Keywords: Technology. Deaf student. Teacher's role.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como temática a importância da tecnologia no processo ensino aprendizagem das pessoas com necessidades educacionais especiais, em particular os surdos, ressaltando a realidade pedagógica de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Iporá-GO. Assim, na prática pedagógica atualmente sugere-se que sejam utilizadas atividades com uso da informática como forma de facilitar a motivação do aluno, além de sua adaptação e socialização no contexto escolar. Isso se justifica porque, através da informática, a criança pode se adaptar ao ambiente no qual está inserido, aprendendo a conviver no dia-a-dia com as pessoas que compõem seu meio social.

Desse modo, os benefícios da informática na educação dos surdos foi o tema escolhido, considerando a relevância da interação dos surdos com a informática, podendo representar um passo à frente no que diz respeito à educação.

É possível dizer que as tecnologias são ferramentas pedagógicas que os professores podem utilizar em sala de aula como aliadas na criação de situações que favoreçam a aprendizagem, visto que através da informática os alunos poderão aprender de forma mais prazerosa, concreta e, conseqüentemente, mais significativa, culminando em uma educação de qualidade. Entretanto, o problema que gerou esse estudo foi o fato de que a maioria dos

professores não utiliza a informática na aprendizagem do aluno surdo, desenvolvendo situações e práticas pedagógicas tradicionais (SILVA; GONÇALVES; SILVA, 2011).

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos na prática pedagógica do professor. De forma mais específica espera-se verificar se os docentes utilizam a tecnologia no decorrer de sua atuação; identificar quais tecnologias são as mais utilizadas e descobrir a importância que os professores atribuem à tecnologia enquanto ferramenta pedagógica.

A escolha da temática se deu em virtude da pesquisadora atuar em sala de aula como intérprete de um aluno surdo, a qual constata a contribuição da prática pedagógica do professor no processo ensino aprendizagem dos alunos surdos com utilização da tecnologia. Por isso, estudar e investigar sobre este tema é importante para mostrar que a tecnologia é uma contribuição na educação dos deficientes surdos, porém pouco utilizada atualmente. Com esta pesquisa pretende-se também reafirmar a importância da tecnologia, que, bem utilizada, permite estratégias pedagógicas novas e mais efetivas, como os ambientes virtuais de aprendizagem.

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, conforme preconiza Gonçalves (2007), por permitir a compreensão aprofundada dos fenômenos educacionais a partir de suas múltiplas dimensões humanas e sociais. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, que busca analisar as relações entre o uso da tecnologia e o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos. Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizados dois procedimentos metodológicos complementares: a revisão de literatura e uma breve pesquisa de campo. A revisão de literatura abrangeu obras, artigos científicos e documentos acadêmicos que discutem o papel das tecnologias na educação inclusiva e, especialmente, na formação de estudantes surdos. Já a pesquisa de campo consistiu em observações e entrevistas exploratórias realizadas em uma escola da rede municipal de Iporá-GO, permitindo à pesquisadora confrontar o referencial teórico com a prática pedagógica vivenciada no cotidiano escolar. Essa combinação metodológica possibilitou um olhar mais abrangente e sensível sobre o tema, articulando teoria e prática na busca por caminhos que tornem o ensino mais acessível, significativo e humanizado para o aluno surdo.

A pesquisa é descritiva, uma vez que busca apresentar aspectos relevantes estabelecidos na relação entre a tecnologia e a aprendizagem do aluno surdo. Quanto aos procedimentos metodológicos técnicos adotados são eles: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com base na leitura de livros, artigos científicos e acesso a sites e entrevistas exploratórias.

Assim, este trabalho apresenta-se como relevante, pois, por meio da concretização do mesmo espera-se que possa provocar outras inquietações, novos estudos e (re) construção de conhecimentos sobre a utilização da tecnologia no processo ensino aprendizagem para aluno surdo de forma coerente, dinâmica e flexível, visando à promoção de um ambiente favorável à qualidade da aprendizagem, bem como, à formação plena dos alunos, enquanto sujeitos críticos e ativos no meio social do qual fazem parte.

1 Tecnologia : definições e histórico

A partir da revolução tecnológica, novos meios de comunicação e novos aparelhos eletrônicos passaram a fazer parte de nossas vidas tais como computadores, celulares e outras inovações tecnológicas (LÉVY, 1999). A internet também vem sendo cada vez mais utilizada por todos, trazendo um espaço muito grande para o desenvolvimento, a comunicação e as informações diversas no qual todos podem ter acesso, e formar um espaço cooperativo.

Com o aprimoramento desses novos meios de comunicação, surgiu também a internet que permite uma melhor interação entre todos, pois não permite apenas às pessoas que estão próximas se comunicarem, mas se interligarem em todas as partes do mundo (OLIVEIRA, 1997). Não só a comunicação se aprimorou, também os meios de informação tiveram um grande impulso, pois a facilidade de se expressar e repassar as informações são uma das características que essa ferramenta trouxe para todos, permitindo a construção de um espaço virtual.

Hoje, a tecnologia faz parte de nossas vidas, tudo o que usamos está relacionado a esse meio, e a integração da tecnologia na educação é uma realidade que tem que ser vista de forma positiva, pois além de facilitar na exposição de conteúdos, os alunos se sentem mais à vontade ao trabalhar com essas ferramentas em sala (LÉVY, 1999).

Com o processo de globalização e o avanço tecnológico, logo tecnologia começou a ser usada na sala de aula para facilitar o ensino aprendizagem, aprimorar o modo de integrar o conhecimento na vida de todos. Desse modo, o uso correto e bem pensado dessas tecnologias amplia o ambiente educacional além das salas já conhecidas.

2. Educação Especial na Legislação Brasileira

Baseado em referências do Relatório das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), devido ao avanço tecnológico e as novas tecnologias, o Brasil se encontra em um ambiente que busca a direção para uma escola inclusiva e contínua. Na atualidade, existem muitos *softwares* adaptados para as pessoas cegas ou com baixa visão, como; teclado em braile, tradutor de texto, síntese de voz. É sob esse aspecto que se observa que o computador se tornou um aliado dos professores e atua de uma forma muito importante no ensino especial, além de contribuir para que cada vez mais pessoas com deficiência auditiva possam concluir o Ensino Fundamental, Ensino Médio e o Ensino Superior, ou seja, concluam seus estudos e se qualifiquem para o mercado de trabalho.

Ressalta-se que a Educação Especial no Brasil não requer só da tecnologia como o computador, mas também de mobiliários, teclados e monitores adaptados e o principal, recurso humano capacitado para que possa mediar o uso dos programas e das ferramentas para os deficientes auditivos.

2.1 O ensino de surdos

No contexto da história dos surdos, Soares (1999) destaca que conhecê-la pode se tornar o primeiro passo para uma compreensão mais aprofundada das filosofias educacionais e tendências de abordagem educativa para surdos. Tal conhecimento tem como principal função relacionar como se constitui a exposição desses sujeitos no meio social, à linguagem e à efetividade de suas relações, principalmente às que se referem ao aspecto cognitivo da criança surda.

Do mesmo modo, observa-se que a história da educação de surdos torna-se importante suporte quando se trata de uma análise sobre cada aspecto que se refere ao desenvolvimento dos sujeitos surdos. O que se percebe, em uma análise mais crítica, é que o processo educativo voltado a esses se constrói de maneira negativa.

De acordo com Silva (2001), o contexto surdo foi construído de diversas formas. Na Antiguidade, esses eram vistos, ora como suscitadores de piedade e compaixão, ora como pessoas que receberam o castigo dos deuses e por isso, deveriam se conformar com sua condição. Do mesmo modo, na Idade Média os surdos eram vistos como resultado de feitiçarias e assim, eram abandonados ou sacrificados.

Silva (2001) complementa que ao longo da história, os educadores se esmeraram em criar metodologias que se voltassem especificamente aos surdos. No entanto, algumas dessas baseavam-se somente na reprodução da linguagem oral, ou na linguagem considerada como “auditiva-oral”. Houve outros pesquisadores que em momentos posteriores defenderam que o processo de aquisição de linguagem dos surdos deveria ser mediado pela língua de sinais.

Segundo Montenegro (2007) Pedro Ponce de Leon, monge beneditino, foi o responsável por pensar em um método de educação de surdos. O processo educativo dos surdos se dava com o uso da datilologia, escrita e oralização. Além do contexto escolar, Ponce de Leon concebeu também uma escola especializada em formar professores de surdos.

Salles (2004) ressalta que embora a educação de surdos, seus avanços e retrocessos tenham permeado diversas reflexões, essa tem se tornada alvo de análises advindas principalmente da falta de eficácia em suas propostas pedagógicas, assim como na ineficiência em propiciar condições adequadas para que os surdos possam se escolarizar de forma compatível com suas aptidões.

Para Silva (2001) a contemporaneidade trouxe propostas mais preocupadas com a inclusão da criança com surdez, observando que essa é parte do sistema educacional. Assim, nos dizeres do autor, o que se espera é que a escola possa apresentar os dispositivos essenciais para que o surdo se escolarize sem que esse processo se torne algo sacrificante e desprovido de significados.

Aliado à escola, encontra-se o papel da família. No meio de reflexão, considera-se que o grupo social do indivíduo surdo seja a base para que esse possa se desenvolver, sendo fonte de força quando se trata de superar obstáculos. Do mesmo modo, é possível observar que no seio familiar o surdo consegue vencer muitas das dificuldades que a deficiência impõe, além de privilegiar o desenvolvimento orgânico, assim como a aprendizagem.

Montenegro (2007) destaca que

No processo de aquisição da linguagem pela criança, o apoio familiar é fundamental e o papel dominante deste processo é exercido pela mãe que em seus cuidados com a criança frequentemente, nomeia suas ações oferecendo-lhe a melhor oportunidade para o aprendizado da língua, o que facilita a compreensão dos significados (MONTENEGRO, 2007, p. 228)

Quando se trata da inclusão do surdo na escola regular, Soares (1999) ressalta que esse processo deve ser realizado de forma gradativa. Isso faz com que as diferenças, interesses e necessidades individuais possam ser considerados. “Antes de tudo, é necessário verificar se ela

está preparada para frequentar uma classe comum, na qual as diferenças (principalmente as que se referem à linguagem) serão evidenciadas pela comparação com os colegas ouvintes (SOARES, 1999, p. 56)”.

Não é possível considerar que todo o processo de inclusão do surdo tenha se dado longe das angústias que permeiam o significado educativo. Longe disso, de acordo com Silva (2001), vários momentos, idas e vindas pontuaram e ainda marcam esse processo. Isso aconteceu devido às várias concepções de aprendizagem que permeiam o processo educativo que não conseguiram se distanciar da visão estigmatizada que se tem da surdez.

3. Língua de Sinais

Quadros (1997) defende que a língua de sinais enquanto primeira língua dos surdos, não deve ser vista como algo que irá dificultar ou evitar o processo de aquisição de escrita. Nesse aspecto, é possível considerar que “a presença de um suporte linguístico na criança deficiente auditiva adquirida em tempo hábil e a comunicação gratificante dessa criança com um círculo de pessoas, ainda que restrito, só pode favorecer a aprendizagem da língua oral (QUADROS, 1997, p.96)”

Salles (2004) ressalta que o Bilinguismo na educação se tornasse resultado das reivindicações dos surdos, no sentido de verem assegurados os direitos de utilização da língua de sinais, não apenas no cotidiano, mas também na escola.

Nesse sentido, Quadros (1997) destaca que a Língua de sinais sempre foi uma realidade que tem sido passada pelos surdos de uma geração a outra. No entanto, observa-se que houve um processo de esquecimento e desvalorização em detrimento da língua oral, uma vez que essa é utilizada pela comunidade ouvinte. Em uma análise histórica, é perceptível que até da década de 1960, não havia uma proposição linguística que considerasse a língua de sinais como língua e não, mímica. Após esse período, muitos dos estudos realizados comprovaram que a língua de sinais poderia se organizar em uma unidade com regras próprias.

A língua de sinais permite a criança surda descobrir o que é uma comunicação linguística no momento onde todas as crianças fazem esta descoberta. Elas podem então, compreender melhor o que ocorre nas trocas verbais estabelecidas pelo modo verbal (SILVA, 2001, p.78).

Ao analisar os processos oriundos da aquisição da linguagem pelos surdos, é possível considerar que a língua de sinais tem como pressuposto básico o restabelecimento das condições tidas como naturais de apropriação, sendo essa vista como língua materna.

É sob essa perspectiva que Soares (1999) aponta para o fato de que toda criança surda tem as mesmas necessidades das ouvintes. Desse modo, o fazer educativo deve ser conduzido para que ela possa se apropriar da linguagem, mesmo que seja por meio da língua de sinais. O fato da criança nascer surda não quer dizer que ela já nasça sabendo se comunicar utilizando os sinais. Esses, por sua vez, são parte de uma composição linguística na qual a comunicação é mediada.

Silva (2001) também ressalta que a língua de sinais é desenvolvida e utilizada com a intenção de estabelecer a comunicação. Desse modo, observa-se que a língua de sinais se difere da língua oral e tem sua própria estrutura, combinando dialetos, variando de região para região, assim como de uma comunidade a outra.

Nessa perspectiva, Quadros (1997) destaca que somente aos surdos cabe o processo de criar sinais quando os existentes são incapazes de expressar o conceito pretendido. Assim, a língua de sinais torna-se um importante desencadeador do processo de desenvolvimento cognitivo dos sujeitos surdos.

a criança surda deve então, se submeter a um processo de reabilitação que inicia com a estimulação auditiva precoce, ou que consiste em aproveitar os resíduos auditivos que quase a totalidade dos surdos possuem e possibilita-las a discriminar os sons que ouvem (ROSA, 2005, p.96)

No mesmo entendimento, Quadros (1997) reforça que por meio da audição, assim como a partir das vibrações corporais e da leitura oro-facial é possível à criança compreender a fala dos outros e iniciar o processo de oralização.

Referindo-se a escolarização dos surdos, a mesma autora procura-se refletir a cerca da função primordial da escola que é possibilitar a todos os seus alunos a apropriação de conhecimentos, habilidades e valores, de forma crítica e transformadora, de modo a instrumentalizá-los para participação na vida social.

A Língua de Sinais passou a ser considerada como um meio eficaz no sentido de se valorizar e ajudar a derrubar barreiras, que, por sua vez, foram levantadas a partir da ideia concebida de forma errada de que o Surdo não possui capacidade efetiva de se expressar criticamente e se fazer entender. Nesse sentido, Salles coloca (2004, p. 57 e 58):

A educação bilingue é uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais como língua natural e partindo desse pressuposto para o ensino da língua escrita (SALLES, 2004, p. 57 e 58).

Cabe lembrar que esta proposta que envolve o bilinguismo vem enriquecida do resgate de direitos sociais e culturais, possibilitando ao surdo o desenvolvimento pleno.

A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação. É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-surdo que se verifica o surgimento da Comunidade Surda (QUADROS, 1997, p. 67).

A partir desta reflexão, alguns aspectos que merecem ser considerados que dizem respeito, principalmente, aos procedimentos que a escola vem adotando quanto a oferta educacional que vem proporcionando ao seu alunado, de forma geral. A escolarização de surdos deve ser pensada no conjunto dessas considerações e não de forma isolada como pretendem alguns pesquisadores desta área (SERRA, 2006).

4. Tecnologia para deficientes auditivos

No contexto atual, os avanços tecnológicos representam uma remissão a enormes possibilidades. No entanto, se fazem necessários o interesse e a consciência de cada um do que se pode ter em mãos. Aqui tratamos de um tema importante e necessário, o uso das tecnologias, programas, *softwares* e ferramentas no auxílio de pessoas deficientes auditivos. Sobre essa perspectiva, Silva (2005, p.6) ressalta:

A internet é uma das novas tecnologias que vem crescendo e se tornando uma importante fonte de informação, Noticia comercio, serviços, lazer e educação, além de proporcionar novas formas de interação através de suas ferramentas de comunicação.

O quadro brasileiro apresenta uma estatística preocupante, composta por um grande número de analfabetos digitais que, mesmo com tantos avanços não conseguem acompanhar

ou ter acesso a um aparelho eletrônico ou até mesmo reconhecer os benefícios oriundos de seu uso. Segundo Sasaki (1999, p.120-121):

O princípio fundamental da escola inclusiva consiste em que todas as pessoas devam aprender juntas, onde quer que isso seja possível, não importa quais dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas precisam reconhecer e responder às necessidades diversificadas de alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com suas comunidades.

6- Como uso a tecnologia em meu trabalho para com alunos com surdez

No início do ano letivo de 2015, percebi a dificuldade do educando surdo ao qual interpreto, em relacionar os sinais da libras e compreender significado e significante. Conversando com a professora regente da turma, concluímos que a melhor maneira para que esse aluno tivesse um melhor ensino-aprendizado, sugeri que trabalhássemos em todas as aulas, em todas as disciplinas, o uso do recurso tecnológico, que em nosso contexto é um notebook conectado à internet em sala de aula.

Muitos dos conteúdos como por exemplo: “Os municípios da cidade de Iporá” O aluno não conhecia os sinais das cidade vizinhas, então, usando a tecnologia em sala de aula, digitei no google earth a imagem das cidades, e nesse momento o aluno aprendeu o sinal e em que contexto deve ser usado. Foi ensinado os sinais de Iporá, Amarinópolis, Arenópolis, Jaupaci, Diorama, Palestina de Goiás, entre outros...

Talvez você esteja pensando...Por que não ensinar a libras para este educando no contra turno? Tentou-se, é um trabalho que juntamente com a equipe gestora temos trabalhado com a família, o problema é que, esse aluno quase não comparecia no contra turno. A família Não há dúvidas que o trabalho ideal seria esse de ensinar a libras no contra turno para que durante a aula o aluno chegasse com esses sinais adquiridos, como as vezes não é possível, então em sala de aula tem acesso a L-1 Libras e L-2 Língua Portuguesa concomitantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito profundamente no valor do trabalho que realizo. É uma alegria imensa acompanhar o momento em que a criança surda começa a descobrir o mundo e a aprender por meio da Língua de Sinais, abrindo-se para novas formas de expressão e compreensão. O maior desafio tem sido, sem dúvida, a participação da família, seja pela falta de tempo alegada para levar a criança à escola, seja pela pouca colaboração nas atividades de casa. Ainda assim, mantenho a esperança de que, gradualmente, essas barreiras serão superadas, pois acredito na

força da educação e no diálogo constante entre escola e comunidade como caminhos para a inclusão verdadeira.

Reconheço que uma das maiores dificuldades atuais é a aquisição da Língua Portuguesa pelo aluno surdo, visto que esta não deveria ser sua língua materna, e sim a Língua de Sinais. Nesse contexto, o uso da tecnologia na educação dos surdos tem se revelado uma ferramenta indispensável. Recursos como o notebook, o celular e o data show favorecem a compreensão visual e ampliam as possibilidades de aprendizagem. Essa mediação tecnológica tem contribuído significativamente para que, como intérprete de Libras, eu desenvolva um trabalho mais eficaz, sensível e comprometido com o direito de todos à comunicação e ao conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para e Educação Especial na Educação Básica.** ME/SEESP, 2001.

_____. MEC. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC; SEESP, 2003.

DA SILVA, Giselda Shirley; DA SILVA GONÇALVES, Maria Célia; DA SILVA, Vandeir José. A PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA MODALIDADE EAD: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NA FACULDADE FINOM. **Dossiê Ensino e Pesquisa, HUMANIDADES & TECNOLOGIA EM REVISTA -FINOM - PARACATU-MG-** Ano V, vol. 5 - Jan/Dez 2011

DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 10, p. 199-203, mar. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2015.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática.** 8ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Ramon de. **Informática Educativa: Dos planos e discursos à sala de aula.** Campinas: Papirus, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. Ed.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999.